



O “canil” e nenhum esquecimento: ditadura chilena e testemunho em *La casa de los espíritus*, de Isabel Allende

The “kennel” and no forgetting: chilean dictatorship and testimony in House of spirits, by Isabel Allende

Evandro Figueiredo Candido

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
evan.candido9@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8357-0401>

Resumo: este artigo tem como objeto de análise a obra *La casa de los espíritus*, da chilena Isabel Allende. Seu foco é a chegada de Alba, narradora do romance, à prisão, lugar em que é torturada pelo regime ditatorial. Ali, ela vê sua vida quase se extinguir em meio ao desespero. A salvação está no contato com a amiga Ana Díaz, também torturada, e na presença do espírito de sua avó Clara, que a exorta a sobreviver para dar seu testemunho. O argumento central consiste em pensar nessa imagem da jovem torturada na prisão, sua morte iminente, e as novas significações acerca da necessidade de sobreviver e testemunhar o horror. Para tanto, considera-se o aporte teórico de Gagnebin (2006), com a possibilidade de ampliação da ideia de testemunho; Rosa (2013), com importantes contribuições sobre os encontros que aumentam ou diminuem a potência dos sujeitos; bem como Sarlo (2007), Todorov (2008) e Seligmann-Silva (2003) no que se refere ao dever do testemunho em tempos de exceção. Conclui-se que o testemunho se torna fundamental em momentos de violência de Estado, de forma a evitar a repetição do horror.

Palavras-chave: ditadura; Chile; testemunho; Isabel Allende.

Abstract: this article aims to analyze the work *La casa de los espíritus* (*House of spirits*), by Isabel Allende. It considers the arrival of Alba (the narrator) to the prison and her torture by the dictatorship. There, inside a despair, she sees her life about to disappear. Her salvation resides in the contact with her friend Ana Díaz and the

spirit of her grandmother Clara, who persuades her to survive and give her testimony. The main argument is to think about this image of the torture of a young woman, her imminent death and the new meanings about the need to survive and testify the horror. For that we consider Gagnebin's theoretical base (2006), with the amplification of the testimony; Rosa (2013), with important contributions about the meetings that increase or decrease the individual's potency; as well as Sarlo (2007), Todorov (2008) and Seligmann-Silva (2003) about the task of the testimony in times of exception. We conclude that the testimony is fundamental in moments of violence of State, to avoid the repetition of the horror.

Keywords: dictatorship; Chile; testimony; Isabel Allende

1 Testemunho e sobrevivência em um contexto de exceção

Em 11 de setembro de 1973, foi deflagrado o golpe militar no Chile. Com o bombardeio do palácio presidencial *La Moneda* e a morte de Salvador Allende, chegavam ao fim as instituições democráticas chilenas e o governo da Unidade Popular. Os cinquenta anos desde o grande choque na história do país foram marcados por diversas manifestações culturais opostas a qualquer atentado contra a democracia.

No entanto, nem sempre tais manifestações se fizeram presentes. Em seu documentário *La flaca Alejandra: vidas y muertes de una mujer chilena*, a historiadora e cineasta chilena Carmen Castillo discorre sobre uma amnésia que, em 1993, assola o Chile. Há um grande silêncio acerca da ditadura militar e dos crimes cometidos por seus responsáveis. Mesmo em um momento de redemocratização, permanece o mistério sobre pessoas desaparecidas, bem como a impunidade de sujeitos ainda donos de cargos relevantes. No documentário, Castillo indaga onde se teria perdido a história, posto que os crimes são inegáveis (La flaca [...], 1994).

Este artigo tem como objeto de estudo a obra *La casa de los espíritus*, da chilena Isabel Allende (2006). A proposta consiste em rastrear uma passagem específica da trajetória de Alba (a narradora do romance), a saber: a sua prisão e tortura e as situações que lhe permitem perceber a sobrevivência e a necessidade de seu testemunho. É importante destacar que Alba é uma personagem criada por Isabel Allende e, ao final da narrativa, revelada como narradora. O argumento central consiste em pensar na imagem da jovem torturada na prisão e as novas significações

por ela edificadas no que diz respeito à necessidade de sobreviver e contar ao mundo a verdade do horror vivido. Propõe-se também pensar, a partir de Jeanne-Marie Gagnebin (2008), em uma possível ampliação da ideia de testemunho, sendo este não apenas o sujeito que passa pela situação extrema, mas também aquele que ouve a narrativa do outro.

Para Tzvetan Todorov (2008), em *Los abusos de la memoria*, houve uma tendência, por parte dos regimes autoritários do século XX, de suprimir ou controlar as memórias. Uma vez elaboradas pelo poder, memórias fundamentais podem ser apagadas, dando margem ao negacionismo. Esse controle é parte do processo de legitimação dos grupos autoritários, que pretendem, ao máximo, se perpetuar no poder. O controle das memórias anula outras perspectivas, suprime vozes e vivências capazes de colocar em xeque um sistema de violência e injustiças.

Ao mesmo tempo, a memória passou a ser vista com bons olhos pelos que lutavam contra a tirania, de forma que toda reminiscência, por mais humilde, fosse associada à resistência ao autoritarismo. Todorov (2008) destaca que quando os eventos vividos por um indivíduo ou por um grupo são excepcionais ou trágicos, o direito de se recordar e de testemunhar se apresenta como um dever. Nesse sentido, a memória se torna um terreno conflituoso.

Beatriz Sarlo (2007), analisando, a princípio, o caso da Argentina, destaca a memória como dever no contexto da ditadura militar na América Latina. É o testemunho de sujeitos sobreviventes que permitiu a condenação do terrorismo de estado: “a ideia do ‘nunca mais’ se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita” (Sarlo, 2007, p. 20). No caso da Argentina, o testemunho transformou-se num instrumento jurídico, em espaços nos quais outras memórias foram destruídas pelos responsáveis. Foram elementos fundamentais para a transição democrática. Sem essas memórias, as condenações na Argentina não teriam sido possíveis.

Sem justiça e verdade, observa Carmen Castillo em seu documentário, não se pode conceber a reconciliação. Há ainda fantasmas do passado que continuam atormentando e que só serão dispersos na presença da verdade. Nesse sentido, na esteira de Sarlo (2007) e Todorov (2008), pode-se afirmar que os silêncios são empecilhos para a transição democrática, na medida em que o passado não é confrontado.

Para Seligmann-Silva (2003, p. 398): “a língua é sobrevivente da catástrofe e é a única que porta tanto o ocorrido como a possibilidade de trazê-lo para o nosso agora”. A língua, nesse sentido, retém o ocorrido, podendo retomá-lo no presente. Não se trata, evidentemente, de uma retomada do acontecimento tal e qual em situações-limite, nas quais a morte parece se sobrepôr a todas as vontades. Trata-se da ressignificação do fato que pode garantir a sobrevivência do sujeito.

Em *Sobrevivência dos Vaga-lumes*, Didi-Huberman (2014), tendo como base o escritor e cineasta Pasolini, traz a imagem dos vaga-lumes como lampejos de resistência diante do poder. Recorrendo a uma imagem da *Divina Comédia*, Pasolini observa que os “conselheiros pérfidos” (referindo-se ao Fascismo italiano dos anos 1930) se encontram em um estado pleno de glória luminosa. No entanto, há os resistentes, aqueles que, apesar de tudo, continuam emitindo seus sinais; em suma, vaga-lumes, cujos lampejos aparecem e se apagam.

Feitos da matéria sobrevivente dos fantasmas, os vaga-lumes seriam os condenados às margens, os relegados ao erro diante da glória emitida pelo poder. Tal seria, em todo caso, a “glória” miserável dos condenados: não a grande claridade das alegrias celestiais bem merecidas, mas o fraco lampejo doloroso dos erros que se arrastam sob uma acusação e um castigo sem fim (Didi-Huberman, 2014, p. 13-14).

Dotados de um brilho discreto, os vaga-lumes erram pela escuridão; sua vida é estranha; seu mundo, por si só muito instável, vagueiam entre o desaparecimento aparente e a presença necessária. Didi-Huberman (2014) pensa na oposição entre os políticos pérfidos do fascismo e as figuras marginalizadas. Os projetores da propaganda estariam, nesse sentido, “aureolando o ditador fascista com uma luz ofuscante” (Didi-Huberman, 2014, p. 16). Luz que, uma vez projetada, ofusca os pequenos vaga-lumes.

Adiante, busca-se rastrear a trajetória de Alba, sua sobrevivência diante da tortura e a complexa decisão de passar adiante, numa transmissão simbólica, a experiência do horror.

2 A trajetória de Alba: entre torturas e sobrevivências

Publicado pela primeira vez em 1982, *La casa de los espíritus* (A casa dos Espíritos), foi resultado de uma carta iniciada por Isabel Allende em seu exílio em Caracas para se despedir de seu avô. Em *Paula* (2001),

narrativa autobiográfica escrita dez anos depois, a autora se refere a sua primeira produção como um livro que lhe salvou a vida. Muito mais do que um romance, é resultado de uma amizade entre neta e avô, durante a qual a autora teve acesso às anedotas de família: “nada se perderia do tesouro de anedotas que [o avô] me contou ao longo de nossa amizade, eu não havia esquecido nada”¹ (Allende, 2001, p. 17-18, tradução nossa).

Construído a partir de Alba, narradora que retorna tanto para os escritos de sua avó, quanto para as memórias do avô e para as fotos familiares, o texto abrange três gerações da família Trueba, nas quais figuram, como personagens centrais, três mulheres com nomes que sugerem luminosidade: Clara, Blanca e Alba. O tempo relativamente longo da narrativa parte da virada do século XIX e avança pelas décadas do século seguinte, marcado por conflitos, avanços tecnológicos e a difusão de ideias de liberdade e opressão. Pertencente à primeira geração e dotada de poderes sobrenaturais, dentre eles a capacidade de mover objetos com o pensamento, Clara é a guardiã das memórias familiares. Com seus “cadernos de anotar a vida”, promove o registro de fatos tanto importantes quanto triviais. É por meio deles que a personagem Alba (neta de Clara e representante da terceira geração) é capaz de reconstruir a história familiar dos Trueba.

O marido de Clara, Esteban Trueba, representa o autoritarismo. Presente nas três gerações, é um dono do poder não apenas econômico, mas também político. Seu cargo de Senador da República o coloca junto às decisões governamentais. Há, no entanto, o momento em que a esquerda vence as eleições, o que leva Trueba a perder seu lugar enquanto figura de poder. Estabelecido como autoridade do país, “O Presidente” promove uma série de reformas favoráveis a grupos antes marginalizados. Imediatamente, Esteban se reúne com seus partidários para planejar o retorno da direita ao poder.

Com o tempo, um golpe militar é deflagrado, o presidente é morto e uma ditadura militar se estabelece no país.

Nesse cenário, a postura de Alba – neta de Esteban Trueba – será de resistência perante a ditadura. Não se tratará de uma resistência aberta ao poder estabelecido, no sentido da participação direta em conflitos armados; sua atuação ocorre nas sombras, auxiliando os demais

¹ “nada se perdería del tesoro de anécdotas que me contó a lo largo de nuestra amistad, yo nada había olvidado”.

militantes na fuga às perseguições ditatoriais. Alba abre caminho para que tais sujeitos possam, por exemplo, se exilar. Em *Tropical Sol da Liberdade*, Ana Maria Machado (1988) traz os anos da ditadura brasileira na perspectiva das mulheres. A personagem principal, Lena, fala de uma “periferia”, não uma periferia atrelada a questões econômicas, mas sim da “periferia dos acontecimentos” no movimento de militância; em outras palavras, ela não se encontra diretamente envolvida nas ações, mas nos bastidores. Trata-se do mesmo caso de Alba.

O que, a princípio, lhe parece uma tarefa divertida, com o tempo se mostra algo sério. A qualquer momento, ela toma conhecimento de algum necessitado de asilo, “através de um desconhecido que a abordava na rua e que supunha ser enviado por Miguel” (Allende, 2006, p. 398) e põe-se em ação. Com o carro de seu tio Jaime, Alba auxilia o fugitivo em plena luz do dia. Assim:

pelo caminho não falavam porque ela preferia não saber nem seu nome. Às vezes tinha que passar todo o dia com ele, e mesmo esconder-lhe por uma ou duas noites, antes de encontrar o momento adequado para introduzi-lo em uma embaixada acessível, saltando o muro pelas costas dos guardas [...] nunca mais voltava a saber do asilado, mas guardava para sempre seu agradecimento estremecido e, quando tudo terminava, respirava aliviada porque dessa vez tinha se salvado² (Allende, 2006, p. 398, tradução nossa).

Apesar disso, Alba confessa grande temor de ser capturada pelos agentes ditatoriais. Nos momentos em que terminava, com sucesso, suas missões na fuga dos guerrilheiros ameaçados, ela suspirava aliviada por não ter sido descoberta. Isso indica uma espera pelo seu momento, o de sua captura. Tanto que, ao ouvir, numa noite (enquanto Esteban Trueba dormia), as freadas frente a sua casa, os ruídos dos passos e as ordens à meia-voz, tratou de se vestir, pois não duvidou de que era chegada a sua

² “Por el camino no hablaban, porque ella prefería no saber ni su nombre. A veces tenía que pasar todo el día con él, incluso esconderlo por una o dos noches, antes de encontrar el momento adecuado para introducirlo en una embajada asequible, saltando un muro a espaldas de los guardias. Ese sistema resultaba más expedito que los trámites con timoratos embajadores de las democracias extranjeras. Nunca más volvía a saber del asilado, pero guardaba para siempre su agradecimiento tembloroso y, cuando todo terminaba, respiraba aliviada porque por esa vez se había salvado”.

hora. A entrada dos soldados é violenta, com golpes na porta do quarto de Alba, desorganização da casa, abusos e ofensas. É o momento no qual a influência de Esteban Trueba se vê reduzida a nada, posto que Alba:

Havia suposto que esse momento chegaria algum dia, mas sempre havia tido a esperança irracional de que a influência de seu avô poderia protegê-la. Mas ao vê-lo encolhido em um sofá, pequeno e miserável como um ancião enfermo, compreendeu que não podia esperar ajuda³ (Allende, 2006, p. 421, tradução nossa).

Em *Mulheres, ditaduras e memórias*, Susel Oliveira da Rosa (2013), numa leitura de Deleuze, observa que a vida não é a natureza, mas sim um “local de sucessivos encontros e efeitos”. (Rosa, 2013, p. 77-78). De uma forma ou de outra, vivemos sempre afetados por encontros com outros corpos; encontros que nos trazem alegria e tristeza, dor e prazer, verdadeiras formas de ascensão e queda, mundos se produzindo e se desfazendo. Os encontros que nos proporcionam alegria são os que “aumentam nossa potência”, ao passo que os de tristeza a diminuem.

O encontro de Alba com os representantes da ditadura diminui sua potência a escombros. Esteban Trueba tenta ainda resistir no momento em que os soldados exigem que ele assine uma declaração segundo a qual eles teriam entrado em sua casa com respeito e apresentando uma ordem judicial. Diante da negativa do senador, Alba é agredida com uma bofetada.

Com isso, “Trueba ficou paralisado de surpresa e espanto, compreendendo por fim que havia chegado a hora da verdade, depois de quase noventa anos vivendo sob sua própria lei”⁴ (Allende, 2006, p. 421, tradução nossa). Ao longo do romance, o senador irá encolher fisicamente. Tal fato pode ser lido como uma metáfora para a perda de sua própria razão e supremacia frente ao rumo dos acontecimentos, diante do espanto que proporcionam. Do homem que ergue uma fazenda e manda em todos, do fazendeiro que implanta sua própria lei e do senador que

³ “Había supuesto que ese momento llegaría algún día, pero siempre había tenido la esperanza irracional de que la influencia de su abuelo podría protegerla. Pero al verlo encogido en un sofá, pequeño y miserable como un anciano enfermo, comprendió que no podía esperar ayuda”.

⁴ “Trueba se quedó paralizado de sorpresa y espanto, comprendiendo al fin que había llegado la hora de la verdad, después de casi noventa años de vivir bajo su propia ley”.

estende seus tentáculos de poder ao âmbito público nada resta além de um ser pequeno e miserável, impotente perante uma força que ele mesmo ajudara a construir e que, agora, se volta contra ele próprio. Isso se confirma na sua incapacidade de proteger a neta.

Ao analisar a situação das mulheres diante da tortura, Rosa (2013) aponta que, se a condição da mulher era, por um lado, suprimida no âmbito da militância, por outro, no contexto da ditadura, a mesma condição se via exacerbada; “desde o momento da prisão até o horror da sala de torturas, estavam nas mãos de agentes masculinos fiéis às performances de gênero, que utilizavam a diferença como uma forma a mais para atingir as mulheres” (Rosa, 2013, p. 59).

Encolhida na escuridão, Alba, imersa no medo, sente seus olhos envoltos por uma venda preta. Seu corpo treme por conta dos ruídos advindos de fora. Trata-se da prisão e seu processo de tortura. Assim tem início o capítulo 14, “A Hora da Verdade”. Chama atenção aqui o processo da tortura, os atores e motivos envolvidos, bem como os encontros ocorridos no contexto da prisão e o impacto dos mesmos na percepção da narradora a respeito dos eventos em curso. Espaço de morte, a prisão representa também um lugar para a configuração de novos significados. Ao mesmo tempo, à mercê dos agentes da ditadura, Alba encontra pessoas que lhe permitem reconfigurar seu sofrimento, ressignificar a vida, quando a própria vida parece prestes a se apagar.

Após passar toda a noite e parte do dia seguinte numa cela, Alba é levada diante de Esteban García, neto não reconhecido de Esteban Trueba, que chegara ao posto de coronel. Ele nutre grande ódio por não ter sido reconhecido pelo avô. Nesse sentido, a tortura imposta a Alba diz respeito também a essa vingança pessoal.

A respeito da noção de encontro, Rosa destaca que “são os homens de ressentimento, insuportáveis a si mesmos, aqueles que nos oferecem os encontros que diminuem nossa potência de viver, que constroem a vida” (Rosa, 2013, p. 74). A potência de viver de Alba diminuirá no encontro com o coronel, que é potencializado pelo ressentimento. O combate travado é evidentemente desigual.

Desde o momento de sua captura na casa do avô, Alba é qualificada como prostituta e associada ao líder guerrilheiro; assim, ela se vê inserida na lógica de “quebra da pessoa”, que segundo Inge Genefke (*apud* Rosa, 2013), médica e ativista contra a tortura, é um componente da tortura que não se relaciona tanto com o desejo de buscar informação,

mas sim de destruir de forma permanente qualquer vontade e entusiasmo do indivíduo. Nesse sentido, uma vez solto, o sujeito submetido ao horror não manifestaria desejos de continuar a se opor ao poder.

As encenações dos agentes pretendem reduzir a humanidade da narradora. Assustadoras desde o início, as feridas físicas, acopladas às dores da humilhação e potencializadas pelas encenações de gênero (acrescenta-se o estupro também como processo de tortura) são o cenário propício para a quebra a qual a maquinaria do regime se propõe. É no encontro seguinte com Esteban García e seus agentes que o grau de violência atinge níveis mais elevados. Diante da nova recusa de Alba a fornecer informações sobre Miguel, o líder guerrilheiro, o coronel ordena que ela tire a roupa. A violência dos golpes é seguida pelo manejo de uma máquina de tortura que a leva à perda dos sentidos: “ela sentiu aquela dor atroz que lhe percorreu o corpo e a ocupou completamente e que nunca, nos dias de sua vida, poderia chegar a esquecer. Fundiu-se na escuridão”⁵ (Allende, 2006, p. 429, tradução nossa).

Cada sessão a que a narradora é submetida constitui-se numa forma de eliminá-la. Agressões físicas e humilhações reduzem sua potência e, portanto, sua vida. Mas, muito mais do que apenas descobrir o paradeiro do líder guerrilheiro, muito além de uma vingança particular que entrelaça a história da família à história nacional, temos a tentativa de destruição desse “corpo-testemunha”. Com sua pessoa quebrada, Alba (saindo da prisão) se tornaria massa amorfa, na qual se cumpriria a percepção de Benjamin (1994) a respeito do silêncio dos soldados que retornavam da Primeira Guerra Mundial. Apagado o vaga-lume, predominam os holofotes, triunfam os conselheiros pérfidos cujos discursos permanecem ecoando, muitas vezes na forma de negacionismos.

3 Encontros e despedidas na prisão

Nua, suja, molhada e dolorida, a personagem Alba abre os olhos e pede por água. Ouve uma voz de alguém ao seu lado: “aguenta, companheira [...] aguenta até amanhã. Se tomas água, vêm as convulsões

⁵ “[...] ella sintió aquel dolor atroz que le recorrió el cuerpo y la ocupó completamente y que nunca, en los días de su vida, podría llegar a olvidar. Se hundió en la oscuridad”.

e podes morrer”⁶ (Allende, 2006, p. 430). Trata-se de Ana Díaz, colega de universidade de Alba. De fato, conheciam-se apenas, sem aprofundar qualquer amizade.

Ao observar a situação de Nilce Cardoso, Susel Oliveira da Rosa nota que:

se a perversidade dos torturadores gerou encontros que minavam a potência de Nilce, produzindo dor e impotência, ela encontrou alegria e acolhimento na troca com outros presos políticos com os quais dividia o espaço do DOPS/RS (Rosa, 2013, p. 78).

O mesmo acontece com Alba em seu contato com Ana Díaz. Desde o princípio, esta faz sugestões no sentido da preservação da vida. Diante da dor de Alba, de sua incapacidade de se mover, de seu desejo de morte, há um encontro que lhe traz nova força: “Ana Díaz a ajudou a resistir durante o tempo que estiveram juntas. Era uma mulher inquebrantável”⁷ (Allende, 2006, p. 432, tradução nossa). Com isso, a potência de Ana Díaz parecia aumentar, a despeito dos sofrimentos impostos.

A partir do encontro entre Alba e Ana Díaz, é possível observar a construção da amizade. As duas lembram que nos tempos de universidade não eram muito amigas, mas que “[...] nunca é tarde para começar”⁸ (Allende, 2006, p. 430). Começo que se dá em meio à dor e ao risco de morte. Desse começo de amizade, ocorre a retomada da potência perdida. Trata-se da mesma lógica observada por Rosa (2013) a respeito dos encontros de Nilce Cardoso, nos quais: “a potência aumentativa de um encontro que produzia alegria permitia a ambas visualizarem possibilidades de vida, de cuidado com o mundo em meio à perseguição política, da qual eram alvo no momento” (Rosa, 2013, p. 82).

A permanência de Alba com Ana Díaz, no entanto, encontra um fim. Nos dias seguintes, e diante das sucessivas recusas de Alba de fornecer as informações exigidas pelo regime, ela é conduzida a uma masmorra, intitulada *la perrera* (o canil), “uma cela pequena e

⁶ “Aguanta, compañera [...] Aguanta hasta mañana. Si tomas agua, te vienen convulsiones y puedes morir”.

⁷ “Ana Díaz la ayudó a resistir durante el tiempo que estuvieron juntas. Era una mujer inquebrantable”.

⁸ “[...] nunca es tarde para empezar”.

hermética como um túmulo sem ar, escura e gelada”⁹ (Allende, 2006, p. 433 tradução nossa). O fato representa o afastamento de Ana Díaz, junto a qual Alba havia encontrado sentido para suportar o furacão de todos aqueles acontecimentos. Afastada daquela amizade muito nova, mas ainda assim capaz de aumentar sua potencialidade, Alba se vê dentro de uma cela que parecia um túmulo. Era um lugar destinado a castigos, e os presos ali ficavam por poucos dias, “antes de começar a divagar, perder a noção das coisas, o significado das palavras, a angústia do tempo ou, simplesmente, começar a morrer”¹⁰ (Allende, 2006, p. 433, tradução nossa). A princípio, Alba tenta se defender contra a loucura, mas é a solidão que a leva a compreender a importância de Ana Díaz.

Consciente dessa ausência, ela passa a se abandonar, numa decisão de morte que poria fim ao suplício: “abandonou-se, decidida a terminar seu suplício de uma vez, deixou de comer e só quando era vencida por sua própria fraqueza, bebia um gole de água. Tratou de não respirar, de não se mover e se pôs a esperar a morte com impaciência”¹¹ (Allende, 2006, p. 434, tradução nossa).

Trata-se, aqui, da chegada daquilo que Rosa (2013) considera como “o limiar do insuportável”. Em entrevista com Nilce Cardoso, esta diz que o sofrimento extremo demandava a morte: “será que não é melhor morrer de uma vez... tranquei a circulação... tentei parar de respirar” (Rosa, 2013, p. 75). O mesmo gesto de Alba, no sentido de negar a vida em prol da cessação do sofrimento.

Rosa (2013, p. 76) argumenta que o ato de parar de respirar não corresponde exatamente a um abandono da vida, mas sim “um último nível travado pelo combatente, no limite de sua resistência”. O mesmo diz Lapoujade: “cair, ficar deitado, bambolear, rastejar são atos de resistência” (Lapoujade, 2002, p. 89 *apud* Rosa, 2013, p. 76). O mesmo ato expresso por Alba ao ficar imóvel no chão, recusando ao máximo a comida e deixando de respirar.

⁹ “una celda pequeña y hermética como una tumba sin aire, oscura y helada”.

¹⁰ “antes de empezar a divagar, perder la noción de las cosas, el significado de las palabras, la angustia del tiempo o, simplemente, empezar a morir”.

¹¹ “Se abandonó, decidida a terminar su suplício de una vez dejó de comer y sólo cuando la vencía su propia flaqueza bebía un sorbo de agua. Trató de no respirar, de no moverse, y se puso a esperar la muerte con impaciencia”.

Nesse sentido, não respirar representa um ato de resistência diante do suplício. Tanto Alba quanto Ana Díaz são, de forma horrível, expostas ao ambiente externos de seus corpos, cujo objetivo é fazer do interior de ambas um universo frágil, inacessível à fala, para sempre quebrado, praticamente morto e, portanto, incapaz de testemunhar. Ato extremo de resistência à dor, abdicar das funções corporais, depositar no chão da cela o corpo fragilizado é conceder a ele, em plena iminência da morte, o repouso demandado pela própria vida.

Sem as carícias de Ana Díaz, sem a memória dos bons momentos com Miguel, nas mãos de um regime que não poupa esforços para “quebrá-la”, entregue às mãos de uma figura vingadora e apartada da proteção de um avô encolhido e impotente, resta à narradora este último gesto, no momento liminar entre viver e morrer.

Se a força de Alba é suprimida com sua despedida de Ana Díaz, é no encontro com o espírito de sua avó Clara que ela encontrará um novo sentido para continuar vivendo. O espírito aparece no momento em que a narradora está prestes a atingir seu objetivo de morte. Muitas vezes, Alba a evocara para que a ajudasse a morrer, mas, com sua aparição, Alba compreende que a graça não estava na morte, já assaz corriqueira, mas no milagre da vida: “a graça não era morrer, já que isso aconteceria de toda maneira, mas sim sobreviver, que era um milagre”¹² (Allende, 2006, p. 434, tradução nossa).

Clara tinha o hábito de anotar os fatos tanto excepcionais quanto triviais em seus “cadernos de anotar a vida”. Verdadeiros diários, são a base para a construção que Alba fará a respeito da família Trueba. A ideia da escrita é apresentada pelo espírito de Clara à neta como chave para a vida. É em pleno âmbito do “canil” que o espírito da avó sugere (uma “ideia salvadora”) que a neta escreva com o pensamento, “[...] sem lápis nem papel, para manter a mente ocupada, evadir-se do canil e viver”¹³ (Allende, 2006, p. 434, tradução nossa).

Nesse sentido, o processo da escrita dessa história familiar tem seu ponto de partida na prisão. A evasão do “canil” representa a fuga da situação de sofrimento extremo e, ao mesmo tempo, um motivo para

¹² “la gracia no era morirse, puesto que eso llegaba de todos modos, sino sobrevivir, que era un milagro”.

¹³ “[...] sin lápiz ni papel, para mantener la mente ocupada, evadirse de la perrera y vivir”.

continuar a viver. Mas mais do que apenas garantir sua sobrevivência física, Clara, falando com a neta, se refere à possibilidade de escrever um testemunho:

sugeriu-lhe, além disso, que escrevesse um testemunho que algum dia poderia servir para trazer à luz o terrível segredo que estava vivendo, para que o mundo se inteirasse do horror que ocorria paralelamente à existência aprazível e ordenada dos que não queriam saber, dos que podiam ter a ilusão de uma vida normal [...] ignorando, apesar de todas as evidências, que a poucas quadras de seu mundo feliz estavam os outros, os que sobrevivem ou morrem no lado escuro¹⁴ (Allende, 2006, p. 434, tradução nossa).

O encontro com o espírito da avó recorda o imperativo de sobreviver, escrever e testemunhar, de forma a levar para fora dos muros da prisão o terror não imaginado por aqueles que vivem um mundo aparentemente feliz. Oculto a todos, ou talvez por muitos negligenciado, o terrível segredo vivido por ela morreria junto ao seu corpo físico, caso ela não sobrevivesse para testemunhar. A escrita aqui é instrumento de depoimento, condição *sine qua non* para trazer à luz do mundo a verdade dos mortos do lado escuro. Ao mesmo tempo testemunho fundamental, representa também condição para se levar adiante o processo democrático. Transformada em um vaga-lume que quase se apaga, Alba decide sobreviver na cela fria, pois entende que a frieza do regime oprime não apenas a ela, mas a toda uma coletividade.

Segundo Didi-Huberman, é preciso, para conhecer os vaga-lumes, observá-los no “presente de sua sobrevivência” (Didi-Huberman, 2011, p. 52). O presente de Alba, o instante de sua “escrita com o pensamento”, é, a princípio, marcado por dificuldades. No momento em que começa a fazer apontamentos, o “canil” se enche com os personagens da história da narradora; surgem anedotas, todos os vícios e virtudes das pessoas

¹⁴ “Le sugirió, además, que escribiera un testimonio que algún día podría servir para sacar a la luz. el terrible secreto que estaba viviendo, para que el mundo se enterara del horror que ocurría paralelamente a la existencia apacible y ordenada de los que no querían saber, de los que podían tener la ilusión de una vida normal [...] ignorando, a pesar de todas las evidencias, que a pocas cuadras de su mundo feliz estaban los otros, los que sobreviven o mueren en el lado oscuro”.

que conheceu, o que esmaga seus propósitos documentais. Tudo o que ela pensa é apagado, na medida em que surgem novos pensamentos.

Essa mesma atividade, no calor do sofrimento, nos meandros de suas próprias dificuldades, confere-lhe um novo sentido, levando-a a afundar-se em seu relato, chegando a vencer suas dores. Trata-se, de fato, de uma luta contra o esquecimento. Sua vida e a de sua família se veem imiscuídas com todo o contexto nacional. Toda tortura sofrida diz respeito não apenas ao contexto político, mas também a questões familiares, traduzidas tanto pela postura política do avô, quando pelo posto de mando assumido por Esteban García. O “canil” e nenhum esquecimento. Eis o que, em síntese, pode-se extrair da exortação do espírito amado, que, imerso na morte, oferece ferramentas para a continuidade da vida. Ferramentas que se traduzem no ato de lembrar continuamente, inscrever no pensamento o evento que não pode ser deixado para trás.

Segundo Gagnebin:

é próprio da experiência traumática essa impossibilidade de esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, uma elaboração simbólica do trauma que possibilita a continuidade da vida e, simultaneamente, o testemunho de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade (Gagnebin, 2006, p. 99).

Alba procede essa elaboração simbólica no exato momento dos eventos. Elaborando com o pensamento, ela encontra um meio de continuar a viver. Num contexto de quase-morte, cuidar da vida (tal como sempre se lembrar) passa a ser prioridade. Posteriormente, e por influência de Esteban Trueba, Alba é libertada. Com o corpo livre do sofrimento da tortura, sua alma não se verá inibida; sua vontade não é quebrada pela experiência do horror.

Para Penna (2003), o chamado romance-testemunho (assumido também pela narrativa em questão) possui um elemento fundamental: a despersonalização. Nesse sentido, o “eu” acaba subsistindo apenas de forma residual, e sua fala se confunde com a coletividade, no fundo, com a própria história. Esse “eu” é apresentado como sujeito da própria história. A escrita de Alba apresenta-se sempre em terceira pessoa. Trata-se, aqui, dessa despersonalização referida por Penna (2003), uma

tentativa de manter a discrição do eu, do ego há muito constituído, para fundi-lo à coletividade.

Sujeito da própria história, a personagem parece representar um momento que está além do próprio espaço de sua individualidade, por mais arriscado que isso possa parecer. Ainda segundo Penna, “o que importa aqui é a *verdade* do sujeito testemunhal compreendido como sujeito coletivo” (Penna, 2003, p. 308, grifo nosso). Diante de situações extremas e do horror, a “verdade” desponta como recurso do sujeito testemunhal diante de outras tantas verdades edificadas e impostas pelo poder. É preciso exortar o espírito de Clara, levar para fora dos muros a verdade dos que morrem nas sombras. Os nomes das personagens sugerindo luz (Clara e Alba) evidenciam uma tensão entre entendimento e ignorância, em que o primeiro, pelo viés do testemunho, tende a se sobrepor, a despeito dos esforços contrários daqueles que desejam anulá-la.

A “verdade do sujeito testemunhal” representa, tal como o testemunho, um imperativo diante da tentativa de apagamento perpetrada pelos sujeitos do poder. É nesse ponto que, segundo Adrian Cangi (2003, p. 145): “o imperativo de viver se confunde com o imperativo de testemunhar”. Por sua vez, a ideia do relato testemunhal compreendido como sujeito coletivo lembra a reflexão de Benjamin em “O Narrador” (1994), ao pensar numa história individual diante da história natural (coletiva). Ambas acontecem paralelamente, e a passagem do tempo (evidente na história individual) é atestada na história natural – a primeira é inscrita na segunda.

Essa perspectiva é ilustrada pela narrativa de Alba: enquanto as gerações se sucedem, enquanto a filha e a neta de Esteban Trueba crescem e se apaixonam, enquanto o próprio Esteban enriquece, encolhe e envelhece, os meios de transporte ganham força, o telefone se estabelece, o carro se populariza (os pais de Clara morrem na colisão entre o carro no qual viajavam e um trem), ideias de igualdade de gênero e do direito dos trabalhadores ganham força, guerras se sucedem, o partido de esquerda chega ao poder, para, em seguida, ser destituído etc. Esse paralelismo entre a história da família Trueba e eventos mais amplos, de caráter nacional e internacional, é a inscrição da história individual na “história natural”, processo que representa a tônica do romance.

Tomando como base a ideia de sobrevivência contida em Didi-Huberman (2014), meu argumento é que a sobrevivência em contextos

de totalitarismo encontra-se atrelada ao testemunho e à narrativa. Mais do que isso, é preciso que haja narrativas a respeito do horror, uma manutenção de sua memória, de forma a evitar que ele se repita.

Heraldo Muñoz (2010), tratando dos momentos cruciais da tomada do poder pelos militares no Chile, conta que Salvador Allende, no momento do bombardeio, obriga Joan Garcés, seu assessor, a sair do palácio La Moneda:

[...] depois que as mulheres partiram (duas esconderam-se no palácio até o amargo desfecho), Allende obrigou seu assessor Joan Garcés, cidadão espanhol, a ir embora também, acompanhado pelas duas filhas do presidente, Isabel e Beatriz. ‘Vá e conte nossa história ao mundo’, disse Allende ao espanhol (Muñoz, 2010, p. 27).

Nos anos seguintes, Garcés se converteria em ativista pleno da causa chilena e um dos mais firmes e constantes inimigos de Pinochet (Muñoz, 2010, p. 27). O testemunho de Garcés traz consigo a responsabilidade pela sobrevivência diante do horror. É pelo viés da narrativa que a história se mantém, é por ela que se sobrevive. Conforme observa Franco (2003), há uma nova onda de catástrofes que, na segunda metade do século XX, retorna e atinge a América Latina em forma de ditaduras. Diante da situação desconfortável, é necessário lutar contra a repetição da catástrofe por meio da rememoração.

Sob a mesma óptica, Jeanne-Marie Gagnebin (2006), lendo Adorno e pensando no contexto da Segunda Guerra Mundial, lembra a necessidade da construção de éticas históricas diante de Auschwitz, orientadas pelo “dever de resistência” que consiste na luta contra o esquecimento e o recalque e contra a repetição por via da rememoração. A teórica aponta ainda para uma possível ampliação da ideia de testemunha que vá além da própria vivência; em outras palavras, a testemunha seria não apenas quem passou pelo evento horrível, mas também:

[...] aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: ... não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos

ajudar a não repeti-lo novamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (Gagnebin, 2006, p. 57).

Ouvir a história do outro sem a repulsa da descrença, levá-la adiante numa transmissão simbólica assumida por conta do sofrimento indizível. A sugestão do espírito de Clara à neta vai ao encontro dessa perspectiva, na medida em que escrever significa levar a verdade do horror para aqueles que não a conhecem.

Por sua vez, Seligmann-Silva (2003) destaca a dimensão de sobrevivente da língua: “a língua é sobrevivente da catástrofe e é a única que porta tanto o ocorrido como a possibilidade de trazê-lo para o nosso agora” (Seligmann-Silva, 2003, p. 398). Ao ouvir a história de Alba e não a ignorar, os potenciais ouvintes seriam, portanto, também testemunhas, capazes de fazer sobreviver, via linguagem, por meio de uma transmissão simbólica, a experiência que não se deseja ver repetir.

Ao obrigar seu assessor a sair e livrar seu corpo da morte física, Salvador Allende aponta para a possibilidade de pôr a salvo a linguagem de um testemunho, alguém com a potencialidade de levar adiante esse “dever de resistência”, sobrevivendo ao horror. A sobrevivência, nesse sentido, vai muito além da preservação do corpo físico, abarcando a possibilidade da linguagem como “portadora do ocorrido”, por meio da qual se pode proceder um rearranjo simbólico, de forma a evitar que tais eventos caiam no esquecimento.

O “canil” e nenhum esquecimento. Eis, portanto, o procedimento ao qual se lança Alba. Eis sua empreitada de sobrevivência, resistência e, ao mesmo tempo, possibilidade de construção de um futuro dotado de memória.

4 Considerações finais

A narrativa de Isabel Allende, dentre tantos aspectos, traz três gerações da família Trueba. O eixo central de todas elas são as figuras femininas Clara, Blanca e Alba. Neste artigo, o enfoque recai sobre a terceira geração, a de Alba, ao final revelada como a organizadora dos registros da história familiar. Antes, porém, de proceder essa reconstrução via escrita, é vítima de torturas, um verdadeiro misto de violência de Estado – representado pela ditadura – e vingança pessoal – evidenciado pela figura de Esteban García.

A imposição da tortura, que tem como fim destruir física e simbolicamente a pessoa de Alba, é, primeiramente, amenizada pelos cuidados de Ana Díaz e, posteriormente, derrotada pelo aparecimento do espírito de Clara. Eixo central da primeira geração, Clara sugere a necessidade de sobreviver e, ao mesmo tempo, fornecer ao mundo o testemunho do horror. Personagem de Isabel Allende, Alba de fato sobrevive e, por influência do avô, é libertada. Revelada ao final como aquela que escreve a história da família Trueba, a personagem confessa não conseguir encontrar seu ódio.

O teor testemunhal da escrita de Alba representa uma transmissão simbólica, a mesma sobre a qual discorre Gagnebin (2006). Testemunhar, nesse sentido, não consiste em apenas contar o vivido, mas sim ouvir a experiência do outro, compreendê-la, não ir embora e, posteriormente, promover uma transmissão simbólica daquilo que foi ouvido.

Eis um caminho interpretativo que a passagem selecionada por este artigo permite. Evidentemente, enquanto criação ficcional, *La casa de los espíritus* abre espaço para muitas reflexões não apenas acerca do testemunho, mas da própria produção histórica, a inserção de grupos marginalizados, a exemplo das mulheres, bem como a relevância do realismo mágico.

Nesses 50 anos do golpe militar no Chile, é fundamental a retomada dessas narrativas, verdadeiros encontros cognitivos que nos permitem edificar uma experiência. Que o romance continue como uma fonte de novas significações para tempos difíceis.

Referências

ALLENDE, Isabel. *La Casa de los Espíritus*. 7. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2006.

ALLENDE, Isabel. *Paula*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2001

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

CANGI, Ádrian. Imagens do Horror. Paixões tristes. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 139-170.

LA FLACA Alejandra. Direção: Carmen Castillo e Guy Girard. Roteiro: Carmen Castillo. Chile: Ina, France 3, Channel 4. 1994. 60

minutos. Disponível em: <<https://www.cclm.cl/cineteca-online/la-flaca-alejandra/>>. Acesso em: 20/05/2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos Vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FRANCO, Renato. Literatura e Catástrofe no Brasil: anos 1970. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 351-370.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

MACHADO, Ana Maria. *Tropical Sol da liberdade: a história dos anos de repressão e da juventude brasileira pós-64 na visão de uma mulher*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

MUÑOZ, Heraldo. *A sombra do Ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PENNA, João Camillo. Este Corpo, esta Dor, esta Fome: Notas sobre o Testemunho Hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 297-350.

ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Trad. Miguel Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, 2008.

Recebido em: 02 de junho de 2023.

Aprovado em: 12 de setembro de 2023.